

A VIABILIDADE DO ESP NO ENSINO DE 1º E 2º GRAUS

Helena Maria Gramiscelli MAGALHÃES - Faculdade de Educação

ABSTRACT

This paper incites educators to think over their methodologies when performing their task as foreign language teachers in an underdeveloped country and with underprivileged groups. It encourages teachers to demand from government authorities a response to their aspirations and needs. It also demonstrates how ESP enables teachers to induce native speakers, through reading skills, to keep their cultural identity. Permeating the speech is the idea that ESP is a relevant and efficient approach but it should, nevertheless, be mingled with traditional methods, in whatever suitable procedures they have, to improve foreign language teaching in Brazil.

Considerando as perspectivas de objetividade, realidade, metodologia e viabilidade que permeiam o ESP (Inglês para Objetivos Especiais), gostaria de apontar algumas questões pertinentes à sua divulgação a nível nacional e regional e posteriormente algumas outras preocupações. Essas questões emergem de minha experiência e vivência como professora de 1º, 2º e 3º graus. Nos dois primeiros, como professora de língua inglesa e no 3º, como membro do DMTE (Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino) da FAE (Faculdade de Educação). As primeiras questões se referem à viabilidade do ESP no ensino de 1º e 2º grau, leia-se, talvez a 7ª, e 8ª séries. Vejamos:

1. O ESP está, atualmente, compatível com o ensino brasileiro de LE, (Língua Estrangeira) de

modo geral.

2. O ESP é viável diante das prerrogativas da estrutura do ensino no país.
3. O ESP é uma das soluções para o desenvolvimento das habilidades de leitura num país onde o sistema de ensino deveria priorizar o desenvolvimento desta habilidade no idioma nacional e em LE.

Gostaria de enfatizar aqui que este não é um posicionamento meu, somente. Há autores, lingüístas e especialistas na área que, por diversas vezes, se referiram a este assunto, justificando amplamente seu ponto de vista. Basta citar o "staff" do Foreign Language Teaching and Cultural Identity, numa publicação do Departamento de Lingüística Aplicada ao Ensino das LE do Instituto de Idiomas Yáziqi de SP. Nela sugere-se até que a leitura em língua materna deveria ter continuidade nas aulas de LE. Francisco Gomes de Matos, também, no seu livro Lingüística Aplicada ao Ensino do Inglês corrobora com a mesma opinião. De modo geral, todos os autores concordam que as habilidades de leitura seriam o caminho aberto para vários objetivos. O objetivo imediato é a compreensão dos textos a priori a nível de conteúdo semântico e sintático, e, posteriormente outros que abordarei no final desta comunicação.

4. O ESP pode "substituir" métodos outrora utilizados e atualmente inviáveis no sistema de ensino vigente no país.
5. O ESP pode acoplar e complementar metodologias tradicionais (sem as quais não haveria outras inovadoras) enriquecendo-as e formando, quem sabe, com elas, um novo "approach" de ensino.

Por que não divulgá-lo, então, na rede particular e pública de ensino, como já tentamos fazer na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, no Curso de Especialização de Docentes e de Especialistas da Escola Normal, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais?

6. O ESP pode ser abordado no 2º Grau e também no 1º. Basta que se adote a metodologia adequada. Uma das questões é: Como fazer isto?

O ESP pode ser utilizado concomitantemente com os livros didáticos tradicionais. Isto é possível na prática e facilitaria a agilização do processo em termos de dificuldades que poderiam surgir nas escolas face aos custos da confecção do material didático. Aqui, levanta-se a questão do interesse da escola pelo ensino/aprendizagem. Ela quer o produto viável e certo. Se assim não for, ela se posicionará contrariamente; esta é realidade nacional inegável.

7. O ESP deve ser divulgado junto aos alunos dos Cursos de Letras de modo mais efetivo como procedimento (do professor) e técnica (do aluno), com o objetivo de proporcionar-lhes a possibilidade de aprender a ler os tópicos relativos a conteúdos de ensino de diferentes matérias, e entendê-los.

Pelas questões levantadas, sem dúvida, chegaremos a outras. A primeira, ligada à competência do professor. Não à competência lingüística do nativo, com a qual, segundo Chomsky, já nascemos, mas à competência discutida por Guiomar Namó de Mello em sua tese de doutorado.

"Magistério de 1º Grau: Da Competência Técnica ao Discorso Político".

Guiomar deixa patenteado seu ponto de vista de que não interessou ainda ao sistema a competência do professor. Haja visto o fato de concurso não terem sido realizados nestes últimos 10 anos. Além disto, há muito não se ouvia falar em Cursos de Aperfeiçoamento ou Reciclagem promovidos pelo governo. Qual seria a razão? A competência e o desempenho parecem não ser relevantes, ou um professor com um bom desempenho e competência formará clientela de sua igual capacidade? Interesse ao sistema um povo consciente de seus interesses?

Demerval Saviani, em seus trabalhos, expõe opinião idêntica a de Guiomar. Ambos questionam:

Qual a ideologia subjacente a este discurso político e a este posicionamento? É preciso investir na competência do professor e o ESP vem de encontro a essas necessidades.

Vocês hão de perguntar o porquê da abordagem sobre ideologia aqui postulada. É simples. A mesma ideologia subjaz no ensino da LE. A quem cabe o saber legítimo? Quem tem o direito a ele? As classes dominantes? Ou ele é de todos? Segundo afirmativas do Sr. Ministro da Educação, Marco Maciel, no seu manual distribuído às escolas no dia dedicado à Educação, o saber é para todos. Há controvérsias e contradições. Para se ter idéia clara disto, basta que se saiba que em Minas Gerais, atualmente, existem três programas diferentes para Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa para o ensino fundamental: o Alfa, o Rural e, naturalmente, o Oficial. Por que isto? E no ensino de 5ª a 8ª? E no 2º grau? Ocorre o mesmo ou é diferente dessa aberração? Nos colégios de periferia, a clientela tem direito e acesso ao saber legítimo? Ela sabe que tem direito? Quem lhe oportuniza isto? As escolas proliferam, no entanto, a nível estadual, municipal e particular. Que interesses direcionam as inaugurações destas escolas? Os educacionais? Não se pode crer nisto. No Brasil, não se investiu em educação. Parece que havia, realmente, uma ideologia subjacente nesse desinteresse. Ela norteava os interesses educacionais vigentes e afastava os interesses legítimos para outras direções. Dada desta época, através da lei 5692, a decisão e direito das escolas de optar por uma língua estrangeira no seu currículo. O Francês foi, então relegado.

A questão se posta agora nas mãos do professor e do educador. Como já se sabe, educação não se faz. O professor seria, então, o agente de modificação. O elemento que, fazendo uso de um instrumento, a linguagem, poderia objetivar e agilizar o duo ensino/aprendizagem.

A língua, entretanto, não é só instrumento de comunicação, mas de comunhão, de interação. Um discurso se realiza bem quando atinge a expectativa do leitor, quando há uma comunhão considerável entre o autor e o leitor. Assim, a linguagem, como instrumento, deve ser utilizada de forma adequada.

Pois bem. Temos em mãos o instrumento. É preciso utilizá-lo e a contento. É preciso retomar o espaço para a língua inglesa. Ele não ocupou o espaço deixado pelo Francês. Isto deve ser feito de modo definitivo e contundente! Deixemos que todos os tipos de clientela saibam que por motivos culturais, sociais e constitucionais, eles têm direito ao saber legítimo (e que nele se inclui a língua inglesa) e tantos outros direitos que eles desconhecem por total desinformação. Os professores, os modificadores, nós, temos em nossas mãos esta tarefa, embora, às vezes, muitos de nós pareçamos não ter consciência disto.

É assim que vejo o papel do ESP no ensino de 1º e 2º graus. É através das habilidades de leitura que o aluno terá acesso ao discurso subjacente ao texto. Ele aprenderá a fazer a leitura crítica, verá o mosaico, a intertextualidade tão bem abordados pela professora Elise Vieira em sua comunicação no Enpuli em Fortaleza. Ainda vejo outras vantagens paralelas a esta leitura crítica:

- . proporcionar ao aluno discussões posteriores à leitura crítica.
- . levar o discente à consciência de sua identidade cultural e a retomar seu papel como elemento fundamental do processo democrático.
- . oportunizar-lhe reconhecer seus direitos e utilizá-los.
- . dar-lhe uma visão crítica do mundo em que vive.
- . proporcionar-lhe a abertura para captar as "nuances" de outras civilizações como a in-

glesa, a francesa, a alemã, a americana, em fim, a de todos os países falantes de línguas estrangeiras.

Pelo exposto, é inegável e patente a importância do ESP. Estou convicta de sua relevância, eficácia e eficiência, daí ter colocado meu pedido quanto à sua maior divulgação.

Um ponto, todavia, deve ficar bastante claro para todos nós. Um questionamento que à primeira vista pode parecer simples para alguns, mas conflitante e angustiante para outros:

O percurso do ESP pode levar os professores de língua inglesa a se transformarem em meros instrumentos a serviço da tecnologia das várias áreas de conteúdo?

O inglês faz parte no Núcleo Comum Comunicação e Expressão e pertence à área de Ciências Humanas. Assim sendo, é regido pelos princípios humanísticos que norteiam esta importante, mas tão relegada área do conhecimento humano. Seus objetivos precípuos são: informar, formar e fornecer ao aluno os padrões de cultura, tradição e civilização do país falante da língua estrangeira. E ainda: fazer contatos com outras realidades, porém sem jamais se distanciar consciente ou inconscientemente, de sua identidade cultural, porque isto transformaria a eficiente habilidade de leitura em um mero e retumbante desplante. Por isto, estes objetivos devem manter a relevância de que sempre desfrutaram. O motivo parece óbvio: os canais culturais existem para possibilitar a troca de experiências e conhecimentos em sentido amplo mas, às vezes, podem ser utilizados como veículos de transmissão ideológica. São necessários duas estradas: uma que leva e a outra que traz. É preciso evitar mão única. Assim é na Educação e assim deve ser com as metodologias e técnicas. Não acredito que o ponto colocado se concretize se forem salvaguardados os princípios mencionados.

Com isto, quero dizer que não se devem subestimar ou desvalorizar os métodos tradicionais pura e simplesmente. Que, sempre que possível, eles devem ser acoplados ao ESP no que tiveram de aproveitável (e eles têm!); que a visão crítica do mundo e as aspirações mais altas de falar e escrever, tão pouco viáveis em nosso sistema de ensino, não sejam abandonadas de modo definitivo e irreversível como sendo inatingíveis. O que estou sugerindo pe a metodologia do bom senso, eclética e compatível com as variáveis pertinentes à realidade de brasileira. O ESP se presta perfeitamente a isto. Estou segura.

Agradeço ao "staff" do Projeto Nacional e Regional do ESP, a oportunidade de participar deste seminário e sobretudo, a oportunidade de colocar minhas preocupações, narrar minhas experiências e poder levantar as alternativas possíveis relativas à abordagem do ESP.

Estou à disposição de todos na Faculdade de Educação da UFMG. E para terminar, deixo para vocês um pensamento pertinente ao momento. É de G. Polya, de sua obra "How to solve it?":

"O sábio começa no fim; o tolo termina no começo".

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- MATOS, Francisco Gomes de. *Linguística Aplicada ao Ensino de Inglês*. São Paulo, Mc. Graw-Hill, 1976.
NASR, Raja T. et alli. *Foreign Language Teaching and Cultural Identity*. SP., Brussels, Instituto de Idioma Yázigí - AIMAV, 1982.
-